VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

KALUNGAS EM CENA – UM PERCURSO DO CORPO PELA TRADIÇÃO E A CONTEMPORANEIDADE

Jonas de Lima Sales*

O corpo tem uma história. Com esta consideração inicio os comentários que seguem neste texto, avaliando que perpassamos situações diversas ao longo de nossas experiências com o outro e consigo mesmo e, desta forma, considerar-se-á que estamos aptos a contar histórias a partir da memória sensível que se estabelece em nosso corpo.

Entender-se-á como sensível, o processo de recepção do corpo com os fatores externos e circundantes com o meio sócio-cultura-ambiental. Assim sendo, a nossa matéria física recebe e transforma em saberes os elementos sentidos em constante troca sinestésica com o meio em que vive. Para contribuir com esta reflexão, Nóbrega corrobora apontando que corpo que se deseja retratar neste discurso.

> É a nossa relação corporal com o mundo que cabe destacar. Essa contingência marca tudo o que tem lugar fora do corpo, inclusive nas investigações científicas ou filosóficas sobre o corpo humano, bem como nas intervenções educativas. O corpo, abstraído em análises que recortam-no, fragmenta-se no corpo naturalizado de uma determinada visão da biologia, no corpo socializado das ciências sociais, no corpo instrumentalizado por diversas pedagogias. Recortado o corpo, de que corpo falamos? Como é possível considerar o corpo como campo de saberes, um corpo de pesquisa que ultrapasse esse reducionismo e que considere a nossa condição corpórea? Falar do corpo é sempre reduzi-

* Departamento de Artes Cênicas/IdA/UNB.Centro de Estudos do Cerrado – UNB Cerrado.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> lo a tema do discurso, mas é preciso admitir que a fala também é gesto. Assim como corpo é sempre condição e limite da própria história humana, uma história encarnada. (Nóbrega, 2006, p.64)

Neste sentido, faz-se pertinente conjeturar a construção da nossa história registrada em nossos corpos, perpassando por construção de signos e simbologias que refletem as múltiplas vivências que constituem as nossas sociedades em diversos pontos do nosso planeta. Tenhamos o corpo como a história encarnada de fato. Um corpo memória. Reflitamos com perspectiva de um corpo que possa ser sujeito de propostas estéticas e de resignificação da realidade que o permeia.

Outro aspecto que merece atenção nesta conversa é a concepção de grupos étnicos advindos da África e se tonando escravos nas terras Brasílis. Não interessa nesta discussão aprofundar no assunto da escravatura dos povos negros em nosso país, mas seguramente, perpassaremos por esta questão visto que os sujeitos que serão comentados trazem estas caraxccterísticas em suas histórias. Abordaremos este assunto à luz das novas concepções da história e tantos outros campos epistemológicos e estudiosos que discutem, como KI – ZERBO que comenta;

> Outro fenômeno que grandes danos causou ao estudo objetivo do passado africano foi o aparecimento, com o tráfico negreiro e a colonização, de estereótipos raciais criadores de desprezo e incompreensão, tão profundamente consolidados que corromperam inclusive os próprios conceitos da historiografia. Desde que foram empregadas as noções de "brancos" e "negros", para nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos foram levados a lutar contra uma dupla servidão, econômica e psicológica. Marcado pela pigmentação de sua pele, transformado em uma mercadoria entre outras, e destinado ao trabalho forçado, o africano veio a simbolizar, na consciência de seus dominadores, uma essência racial imaginária e ilusoriamente inferior: a de *negro*. Este processo de falsa identificação depreciou a história dos povos africanos no espírito de muitos, rebaixando-a a uma etno-história, em cuja apreciação das realidades históricas e culturais não podia ser senão falseada. (Ki – Zerbo, 2010)

Deste modo, o homem negro escravizado em nosso país, em sua lamentável exploração, deixou-nos marcas, registros e construiu elementos fundamentais na nossa história para a elaboração da nossa cultura, principalmente no campo da Arte. É inegável o papel preponderante das diversas etnias negras chegadas da África em nosso processo de construção de saberes na sociedade brasileira. Tenhamos como referência a

ISBN: 978-85-98711-10-2

verdadeira história que vivenciaram estes povos, com seus conflitos culturais, suas mágoas, suas lutas e suas convicções herdadas em seus berços de origem e que refletem na atualidade.

É importante também termos uma ideia de Tradição para conduzir nossa conversa, assim sendo, pensando palavra **tradição,** que vem do latim, do verbo "***tradere***" (traditio, traditionis) que significa trazer, entregar, transmitir, ensinar. portanto, tradição remete a ideia de transmissão de saberes culturais de um povo, seja de natureza espiritual ou material, e desta forma, atravessam gerações. É a memória cultural de um povo. São ideias, memórias, recordações, símbolos conservados pelos tempos, pelas gerações, e que se resignificam com a dinâmica que o tempo oferece.

Estabelecidos estas bases de pensamento, caminhemos para o foco desta comunicação – Os jovens kalungas do Cerrado Brasileiro em cena.

O Centro de Estudos do Cerrado Chapada dos Veadeiros (UnB Cerrado) desenvolve desde o ano 2009 o seu processo de implantação na região do cerrado brasileiro, precisamente na cidade de Alto Paraíso/GO. Diversos pesquisadores de centros da Universidade de Brasília colaboram com os estudos nas áreas de meio ambiente, Química, história, antropologia, Geografia, pedagogia e Artes. Tais estudos visam Contribuir para a identificação e caracterização dos principais desafios e oportunidades ao desenvolvimento regional sustentável da Chapada dos Veadeiros. Assim, criam-se interlocuções com as comunidades da localização em seus diversos aspectos socioculturais.

Neste processo, insere-se o projeto *Teatro e Expressões artísticas na Chapada dos Veadeiros* com caráter de Pesquisa e Extensão que tem como objetivo a realização de mapeamento das expressões culturais tradicionais da região, em suas práticas, formas de expressões e fazedores. Conjuntamente as pesquisas das manifestações artísticas, desenvolve-se oficinas de teatro para a comunidade local, em que se busca instrumentalizar os participantes na linguagem do teatro, em que o conhecimento adquirido possa ser colocado em prática e socializado com a comunidade, vislumbrando que os participantes possam ser agentes culturais na área de artes cênicas.

No ano de 2010, o grupo de adolescentes envolvidos no projeto, esteve em um processo de reelaboração artística a partir dos seus referenciais de cultura. O trabalho

ISBN: 978-85-98711-10-2

com teatro buscou confluir para as atividades desenvolvidas com os jovens kalungas[1], o diálogo entre a tradição que perpassa a história do grupo envolvido e as possibilidades da elaboração de Arte Contemporânea. Para levantar possibilidades de leituras e reelaborações estéticas tendo referências das expressões de arte da comunidade, o viés de convergência para esta organização de saberes e reorganização estética foi o corpo.

Entender o corpo perpassa pela ideia de compreender a si mesmo, e ao entender a si próprio é possível construir uma relação com o coletivo significando culturalmente as atitudes que o corpo insere no cotidiano. Nossas atitudes no dia-a-dia acontecem de forma natural e muitas vezes não atentamos para o nosso corpo buscando o entendimento dos significados representados pelo movimento. Ficamos ligados a conceitos estabelecidos por mitos que são relatados em nossos grupos sociais e esquecemos-nos de olhar para o corpo e descobrirmos outros potenciais de conhecimento de si mesmo e dialogar com o outro a partir deste saber.

> A compreensão do corpo simbólico perpassa pelo mito, vez que as imagens míticas são a exteriorização do corpo humano. [...] Tendo ou não conhecimento dos mitos conhecidos ou desconhecidos sempre vivemos as histórias herdadas. [...] É certamente por isso ficamos presos, mesmo que inconscientemente nas imagens mitológicas que herdamos. Fixados em tais imagens deixamos de viver nossa própria experiência e "adquirir" ou "construir" nossa imagem. (Oliveira, 2010)

O corpo é uma casa que habita diversas histórias, experiências, simbologias, e é momento de perdemos os receios de descobrirmos este tão valioso elemento de criação e significados.

Aqui se vislumbra o corpo como elemento de assimilação de saberes. O nosso corpo é o canal que permeia todas as formas de sentir, é por meio do corpo que os sentidos se manifestam proporcionando a percepção e o encorporamento dos códigos do fenômeno estético e transformando assim em saberes, em conhecimento. Para Hühne (1994) o fenômeno estético gera saberes a partir da experiência estética vivenciada pelo indivíduo. Neste sentido, em nossa vivência diária apreendemos códigos que servem

[1] Os povos Kalungas são comunidades herdeiros de grupos escravizados na região do cerrado central brasileiro.

ISBN: 978-85-98711-10-2

como elementos para a construção de nossa cultura, o nosso corpo se molda a cultura provocando estéticas que sugerem leituras,

> [...] o corpo representa o fundamento, a origem e o princípio da cultura, enquanto que esta significa o prolongamento e a potencialização de nossa somaticidade. Inclusive as criações técnicas mais complexas mantêm a marca de sua adaptação à corporalidade. Não é necessário ver esse prolongamento do corpo na cultura como compensação de uma deficiência [...] por outro lado, a organização geral da cultura dirige-se à satisfação das necessidades humanas, mesmo que essas, na própria cultura, sejam complicadas e recriadas. (PARIS,2002.P.66)

Por meio do corpo sensível recebemos saberes, e assim constrói-se uma educação pelo corpo. Educação que se elabora em seus processos, neste caso, a Arte.

No processo realizado com os jovens da cidade Cavalcante/GO, partimos de oficinas de teatro para chegarmos a propostas estéticas como resultados das atividades com os sujeitos envolvidos em nosso trabalho. Meio a estes encontros, foi percebida a partir de jogos corporais, rítmicos e teatrais uma rigidez corpórea do grupo, sendo a princípio um fator problemático para os objetivos estabelecidos. Diante de tal situação, vêm questionamentos tais; como fazer com que estes jovens vivenciem a plenitude das potencialidades de seus corpos? Quais caminhos possíveis para um estabelecimento de comunicação entre o universo acadêmico e a empirismo dos saberes dos adolescentes envolvidos? Que histórias guardam estes corpos e como chegarmos a uma leitura eficiente sem que comprometa a naturalidade destes saberes já construídos?

Neste sentido, buscou-se dentre as expressões vivenciadas pelo grupo, uma experiência que todos já teriam participado de algum modo, seja como brincante ou espectador, para edificarmos descobertas no intuito de que as respostas levantadas anteriormente fossem respondidas. Assim, o grupo chegou ao ritual que chamam de Império. Em resumo, este ritual marca a coroação do imperador das folias do divino que traz em seu cortejo rei e rainha negros, cercados por varas de bambus enfeitadas e que são seguidos com seus séquito contendo tocadores, dançarinos, porta-estandarte que seguem até uma igreja católica que entoam cantos e orações.

ISBN: 978-85-98711-10-2

É no momento de confluência de ideias que é possível entender as peculiaridades que unem um grupo de pessoas em uma só identidade e se caracterizam como cidadãos de uma mesma cultura. Como aponta Gellner,

> [...] a cultura é agora o meio partilhado necessário, o sangue vital, ou talvez, antes, a atmosfera partilhada mínima, apenas no interior da qual os membros de uma sociedade podem respirar e sobreviver e produzir. Para uma dada sociedade, ela tem que ser uma atmosfera na qual podem todos respirar, falar e produzir; ela tem que ser, assim, a *mesma* cultura (Gellner, 1983, p. 37)

A manifestação espetacular – *O cortejo do Império* foi o 'mote' para entendermos os reflexos da história deste grupo de jovens que são descendentes de negros escravizados e que naquela região vieram se esconder e reerguer uma nova vida, longe das barbáries impostas para os povos negros no Brasil colonial. O *império* é uma expressão da tradição deste grupo étnico que mostra aspectos da sua religiosidade e de uma resistência a uma hierarquia monárquica que foi difícil manter em terras brasileiras. Neste evento espetacular, é possível identificar uma trajetória cênica com representações sociais definidas pelo grupo de maneira que os sujeitos envolvidos criam uma atmosfera de festa e oração num hibridismo estético de valorosa consideração.

Os corpos que desfilam com "representações" de figuras, assumem posturas que derivam em movimentos de acordo com o que vivem naquele momento. Desde uma rigidez a uma soltura, refletindo símbolos e signos que são rememorados a cada vez que este ato é mostrado na comunidade. Então, percebe-se que estes corpos têm seus registros históricos que falam e ecoam uma ancestralidade que caminha até hoje por meio de uma tradição que se perpetua através de uma dinâmica que transcende o tempo.

Ao longo das oficinas de teatro realizadas no ano de 2011, os adolescentes tiveram a oportunidade de pesquisar e compartilhar as suas tradições expressivas em busca de entender os códigos e símbolos que representam a sua comunidade. Brincar com a sussa[2] e o *cortejo do império* foi percurso escolhido para que os adolescentes kalungas pudessem sentir-se a vontade e donos de sua expressividade, sem que tivesse regras impostas por técnicas acadêmicas proporcionadas pelos estudos teatrais. O encontro com referências de uma expressividade no qual dominam, modificou a relação

[2] Dança de movimentos livres que os grupos kalungas normalmente fazem em seus festejos.

ISBN: 978-85-98711-10-2

destes jovens com os próprios corpos, promovendo uma liberação corpórea coletiva e assim, foi possível perceber as individualidades corporais e uma grande capacidade de *poiésis* destes jovens em movimento.

Percebendo este potencial que estes corpos jovens, negros, belos apresentaram a partir da liberdade dos movimentos que a identificação com suas tradições permitiu, deram-se continuidade construindo composições de imagens, cenas, movimentos que pudessem resultar em propostas estéticas em comunicação com a atualidade que vivenciamos sem que fosse algo do passado, e sim, uma tradição presente em nossos dias e que vislumbra sua existência para o futuro. Logo, foi reelaborado um cortejo com os jovens kalungas, em que mostraram em praça pública, como eles leem a história de seu povo e mostram por meio de releituras estéticas cênicas, por meio de seus corpos em movimento, uma forma representacional da tradição que anda em constantes passos rumo ao futuro.

Intitulado de *Cortejo Cênico*, os jovens kalungas entraram em cena para expor potencialmente o diálogo construído entre os saberes técnicos da cena apreendidos nas aulas de teatro e os seus saberes tradicionais. Os o jovens kalungas se permitiram criar metáforas, transformaram ideias e sistematizaram os seus saberes. Refletindo que,

> O modo que como pensamos e agimos, o que experimentamos e o que fazemos em nosso cotidiano, tudo é matéria metafórica. [...] A sistematicidade que nos permite entender um aspecto de um conceito em termos de outro cai necessariamente indicar outros aspectos do mesmo conceito. Por isso, ideias são objetos, expressões linguísticas são como recipientes de conceitos e a comunicação é a ação de enviar, de transportar. Ou seja, a comunicação, pela sai própria natureza de operar como uma espécie de 'transportadora', já cria novas metáforas organizando o transito entre ação e palavra, entre dentro e fora do corpo e assim por diante. (Greiner, 2005, p. 44-45)

Deste modo, entre danças, poesias e canções, pelas ruas da cidade, foi um grupo de adolescentes com figurinos coloridos, maquiagem acentuada, adereços e corpos em movimento cortejando um público que apreciava, aprendiam e também se identificavam com as letras e ritmos que os jovens demonstravam em seu espetáculo cênico. Assim, os corpos em cena confirmavam para a comunidade assistente a história que seu povo vive em sua tradição. Revelou-se naquele momento a real capacidade que o corpo tem em construir linguagens que codificam o mundo, significando e

ISBN: 978-85-98711-10-2

perpetuando os saberes das diversas sociedades em nosso mundo, conduzindo-os dinamicamente para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GREINER, Christine. O corpo: pistas para estudos indisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005.

GELLNER, E. Nations and Nationalism. Oxford: Blackwel, 1983.

HÜHNE, Leda Miranda. (Org.). Fazer Filosofia. Rio de janeiro: UAPE, 1994.

KI – ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

NÓBREGA, Teresinha Petrúcia da. Epistemologia, saberes e práticas da educação física. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2006.

OLIVEIRA, Eliene Rodrigues. Novo olhar para o corpo. Revista OUVIROUVER: Uberlandia. V. 6; Nº 2, ano 2010.

PARÍS, Carlos. O Animal cultural: biologia e cultura na realidade humana. São Carlos: EdUFSCar, 2002.